

## A COESÃO TEXTUAL NO TEXTO ACADÊMICO (THE TEXTUAL COHESION IN THE ACADEMIC TEXT)

Cristina Valéria Bulhões SIMON (Universidade Estadual de Londrina)

*ABSTRACT: Basing on the idea that a text is a linguistic unit whose meaning is a result of innumerable factors, including linguistic and non-linguistic ones, this work intends to discuss the relevance on the use of cohesive elements for the construction of an specific kind of text : the academics work.*

**KEYWORDS:** *Textual Linguistics ; cohesion ; academic text.*

### 0. Introdução

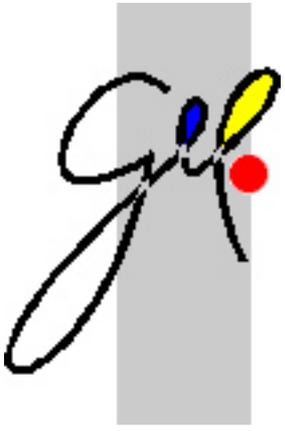
Este artigo pretende tecer considerações acerca do uso (e do não uso) de elementos coesivos como fator de textualidade na produção acadêmica de universitários de Letras. Vai-se notar que ali, muito mais do que em qualquer outro curso, o nível de expectativa quanto à qualidade da produção escrita é bem maior.

Para isso, será desenvolvida, à luz da Lingüística Textual, uma discussão em torno da noção de texto — enquanto unidade lingüístico-semântica atualizada numa relação dialógica com o leitor-ouvinte e com outros textos — e da coesão, como possibilidade de sucesso no texto dissertativo-argumentativo.

### 1. A coesão textual

A Lingüística Textual surge na década de 60, como uma nova proposta de análise lingüística, passando a privilegiar, desde então, o texto como unidade de comunicação, e não mais a frase. As unidades semânticas passam também a ser analisadas, ao lado do plano lingüístico e do comunicacional. O sentido do texto (de qualquer extensão) não é a mera soma de suas partes (orações), mas estas funcionam como microestruturas de uma macroestrutura, que é o texto, cujo sentido e unidade se apóiam na integração das partes e sua adequação ao contexto comunicacional. O texto é visto como construção do escritor e do leitor e sua descrição deve levar em conta o contexto, isto é, o conjunto de todos os elementos externos ao texto, que interferem na sua produção, recepção e interpretação.

Assim, essa ciência crê na relevância dos mecanismos lingüísticos de coesão — aliados à noção de coerência e aos fatores pragmáticos, tais como a situacionalidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a intertextualidade e a informatividade (Beaugrande e Dressler, 1992) — como elementos concretos do enunciado que estabelecem (se adequadamente usados) relações de conexão entre as partes do texto e de progressão,



possibilitando-lhe um fluxo informacional mais dinâmico ou não, conforme, entre outras coisas, a intenção do produtor do texto em torná-lo lento ou rápido.

Para Marchuschi (1983) e Beaugrande e Dressler, a coesão textual diz respeito à superfície textual, isto é, aos mecanismos lingüísticos formais em uso no texto ou que, por sua ausência, se mostrem significativos, como é o caso da elipse. Halliday e Hasan (1983: 142) se referem a essa ausência, com a ressalva de que o que não está dito está compreendido: “‘não dito’ implica ‘porém compreendido’”.

Os elementos coesivos são muito importantes na composição do texto, porque, entre outras coisas, lhe dão maior legibilidade; porém não são fundamentais para que se estabeleça a sua coerência, uma vez que esta (manifesta lingüisticamente ou não) é o principal fator de textualidade, sem o qual o texto deixa de ser uma unidade de sentido, mostrando-se fragmentado e, muitas vezes, incompreensível. Koch (1996: 19) sintetiza a questão da importância da coesão da seguinte forma:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Val (1993) também parte dessa concepção de que a coesão é a manifestação lingüística da coerência e afirma que esses dois fatores encontram-se e afastam-se, sendo, indubitavelmente, basilares na boa construção de um texto.

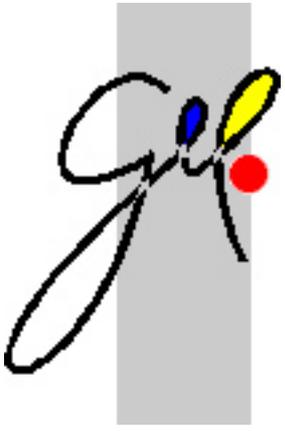
Obviamente, cada tipo de texto exigirá o acionamento ou não de certos mecanismos formais para alcançar o seu objetivo; entretanto, como observa Koch no trecho citado acima, o texto de cunho científico é ainda mais exigente, porquanto sua credibilidade não está apenas apoiada no conteúdo que veicula, mas também na sua forma de apresentação.

### 1.1. A coesão referencial

Uma das duas grandes modalidades de coesão, a coesão referencial diz respeito à remissão ou referenciação entre um componente da superfície do texto e outro(s) do universo textual.

O elemento de referência pode apresentar-se tanto sob a forma de um nome quanto sob a de um enunciado maior. Entretanto, é válido ressaltar que, à medida que o texto vai-se desenrolando, o referente vai-se revestindo de novos traços, alguns capazes de alterar-lhe a identidade primeira. Assim, a referenciação acontecerá condicionada às mudanças textuais ocorridas.

A coesão referencial pode dar-se através da anáfora (remissão para trás), procedimento mais comum, porque cuida da substituição do que já foi dito, e a catáfora (remissão para frente), recurso que exige a antecipação de certos atributos com relação ao referente.



Nos textos acadêmicos, ambos os recursos são utilizados, mas este último é, sem dúvida, denotador de maior elaboração, por parte do produtor do texto, que necessita ter em mente, por antecipação, o que vai escrever, de modo a ser capaz de usar o termo catafórico com propriedade (e com concordância, se for o caso). Entretanto, vale destacar que a dificuldade no uso da catáfora torna-a um recurso valorativo.

Ainda é importante alertar para a possibilidade de a remissão tornar o texto ambíguo, quando ocorre, por exemplo, a presença de dois referentes em potencial. Neste momento, o leitor deverá tentar reconstituir o caminho traçado pelo produtor do texto, em função da predicação atribuída, levando em conta o contexto lingüístico (ou co-texto) e o extralingüístico (quando estes puderem desfazer a ambigüidade):

## 1.2. A Coesão seqüencial

Segunda modalidade da coesão, a coesão seqüencial ou seqüenciação se refere às relações semânticas e/ou pragmáticas que se estabelecem entre as partes do texto, de modo a fazê-lo progredir.

A seqüenciação pode ser frástica ou parafrástica, conforme a ausência ou a presença de procedimentos de recorrência. A seqüenciação parafrástica ocorre quando se verificam, na progressão do texto, procedimentos tais como a recorrência de termos (repetição de um mesmo item lexical), a recorrência de estruturas (paralelismo sintático), a recorrência de conteúdos semânticos (paráfrase), a recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou supra-segmentais (igualdade de metro, rima etc.) e a recorrência de tempo e aspecto verbais.

Em textos produzidos em sala de aula, é possível encontrar pelo menos um dos procedimentos enumerados acima. Contudo, nem sempre há a consciência de que se está usando a recorrência com fins determinados, o que pode vir a ser um ponto negativo na sua avaliação. O professor-avaliador pode interpretar o paralelismo sintático, por exemplo, como uma forma pouco criativa de fazer o texto progredir, ou ainda, no que diz respeito à recorrência de termos, entendê-la como falta de vocabulário ou de criatividade. O aluno que percebe as vantagens da recorrência — seja a partir da observação de textos literários (mais comumente), seja pelo ensino de tais procedimentos — vai fazer uso dela com propriedade, e a avaliação de seus textos provavelmente será positiva.

Já a seqüenciação frástica refere-se aos meios pelos quais o texto progride sem, no entanto, fazer uso da recorrência. Para Koch,

os mecanismos de seqüenciação frástica se constituem em fatores de coesão textual na medida em que garantem a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de seqüências textuais. (1996: 56-57)

A *manutenção temática* é um dos recursos desse tipo de seqüenciação. Por ela, o emprego de termos pertencentes a um mesmo campo lexical possibilita a ativação, no leitor-ouvinte, de um *frame* ou esquema cognitivo, de modo que será visível a participação, a “contribuição” de cada termo na formação do todo no texto.



Dentro da *progressão temática*, a noção de tema e rema tem servido, do ponto de vista funcional, para a delimitação e a hierarquização de partes do texto, em termos do que é dado (o conhecido, o já mencionado) e novo ( a informação que se adiciona ao dado).

O *encadeamento* abrange os procedimentos visíveis ou simplesmente inferíveis, através dos quais partes dos enunciados se relacionam semântica ou discursivamente. Obtém-se o encadeamento ora pela justaposição, ora pela conexão. Naquela, as seqüências podem ligar-se com ou sem partículas coesivas. Neste último caso, exigir-se-á do leitor-ouvinte o preenchimento das lacunas deixadas (o que pode ser problemático se o texto for ambíguo ou se o enunciatário não possuir os requisitos necessários para as inferências); já com o uso das partículas, encontram-se os marcadores conversacionais, tanto os de situação ou ordenação no tempo e/ou no espaço, quanto os que funcionam para demarcar e/ou resumir partes de enunciados. Na conexão, podem-se distinguir as relações lógico-semânticas das discursivas ou argumentativas, a partir do fato de que nestas ocorre o encadeamento entre dois enunciados distintos em que o primeiro funciona como tema do segundo, podendo ser proferidos por enunciadores diferentes; ao contrário daquelas, onde há relações de tipo lógico entre as partes.

## 2. Análise de um texto e suas condições de produção

O texto analisado é o resultado da avaliação final (em anexo) da disciplina Literatura Brasileira II, feita por alunos do terceiro ano do Curso de Letras da UEL, durante o ano de 1997. Esta avaliação constava de prova escrita, sem consulta, onde foram propostas cinco questões, das quais duas deveriam ser desenvolvidas pelo aluno, cada uma valendo cinquenta por cento do total. Seu conteúdo abrangia o Simbolismo e o Modernismo brasileiros.

Esse texto procurou responder à questão: “A dificuldade, muitas vezes rotulada como um dos principais aspectos da poesia simbolista, deve-se, em grande parte, à concepção de poesia que os escritores adotam e à atitude que o leitor deve tomar diante do texto simbolista. Comente tal afirmação”:

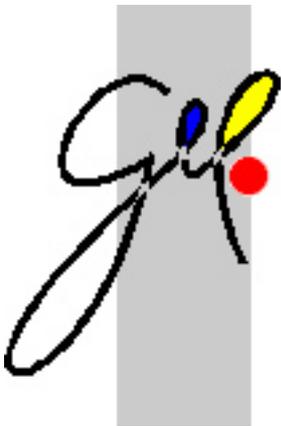
O simbolismo é uma estética subjetivista e que utiliza-se de muitos símbolos, principalmente em suas poesias.

Essa subjetividade encontrada dentro dessas obras, torna-as muito difícil de entendê-las, pois o subjetivismo vem carregado de um dupla ambigüidade que dá margem para diversas interpretações.

A poesia simbolista tem uma linguagem vaga, com frases obscura e total subjetividade.

Em poesias simbolistas, tudo é sugestão, talvez o que a torne difícil de entender e interpretar.

É ainda a subjetividade um dos aspectos da poesia simbolista que faz com que o leitor assuma uma postura diferente daquela que tinha frente às poesias românticas (por exemplo), pois nelas o leitor tinha um texto pronto que talvez não desse margem



para muitas interpretações, ou seja, o leitor das poesias românticas, era um leitor passivo que não precisa interagir com o que estava lendo.

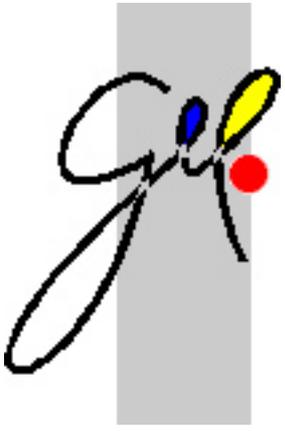
Porém, nas poesias simbolistas, ocorre o inverso. O leitor tem que assumir um papel ativo dentro da obra que está lendo. Isso ocorre devido a subjetividade e sugestividade oferecidas pelas poesias e por toda a estética simbolista, que abre espaço para diversas interpretações, o que muitas vezes deixa o leitor confuso perante a obra.

A questão da simbologia, é também um dos fatores que dificultam a compreensão dos poemas simbolistas, pois, quando o leitor a lê, e encontra um símbolo e não consegue traçar uma correspondência entre ele e o significado não consegue entender sobre o que o autor realmente está escrevendo, e assim pode dizê-lo como difícil ou confuso.

Além de problemas de pontuação (uso indevido da primeira vírgula) e de concordância (“... torna-as muito difícil ...”, ao invés de ‘difíceis’), percebem-se ainda outras ocorrências incompatíveis com o tipo de texto produzido: no trecho “Essa subjetividade encontrada dentro dessas obras, torna-as muito difícil de entendê-las (...)”, dever-se-ia interpretar: a subjetividade das obras simbolistas torna-as muito difíceis de serem entendidas, uma vez que não são as obras que irão entender a elas mesmas; provavelmente, pensou-se em algo como ‘torna-se difícil entendê-las’ ou o que foi aventado mais acima. O uso indevido das pro-formas “-as” e “-las” foi um dos fatores que tornaram o texto confuso.

Um segundo destaque deve ser dado à seqüência começada pela conjunção “pois”, que introduz normalmente uma explicação ou justificativa. Conforme Koch (1996: 66), o segundo enunciado — no caso aqui analisado, iniciado pelo conector “pois” — seria o rema do tema que o precedeu, estabelecendo-se uma relação argumentativa entre eles. Entretanto, o esclarecimento não ocorre em função do simples fato de que este novo enunciado é tautológico: não há como explicar a subjetividade pela ambigüidade simplesmente, sem incorrer na imprecisão, na vagueza. Seriam necessários outros argumentos que melhor sustentassem a argumentação. Por outro lado, a adjetivação de “ambigüidade”, “dupla”, é totalmente desnecessária já que o que é ambíguo é duplo, tem duplo sentido e, finalmente, “dá margem para diversas interpretações”. Formou-se um parágrafo, portanto, praticamente inútil, porque pouco informativo. Ao leitor resta, de fato, a ambigüidade. A reiteração de conteúdos semânticos, por meio de itens lexicais diferentes, que teria normalmente um papel seqüenciador, no trecho analisado, contribuiu para o esvaziamento de seu sentido e o retardamento da progressão do texto como um todo.

É inevitável notar o mau uso do pronome pessoal oblíquo anafórico (sublinhado) no feminino singular, cujo referente “poemas simbolistas” está no masculino plural. A concordância se deu num nível extratextual, com “poesia simbolista”. Outro problema reside na expectativa — frustrada — de se ter uma explicação para o fato de a simbologia ser também “um dos fatores que dificultam a compreensão dos poemas simbolistas”: novamente o uso do conectivo “pois” é problemático, já que, na verdade, mal explica o primeiro enunciado. O que informa um pouco mais o leitor é o enunciado introduzido pelo conector “quando”, responsável pela



temporalidade pontual, exata. A pontuação deficiente também dificulta uma primeira leitura compreensível.

Por último, seria necessário destacar a passagem final: “e assim pode dizê-lo como difícil ou confuso”. Aqui, encontra-se a síntese da imprecisão, da ambigüidade e do mau uso das palavras: o verbo “dizer”, por exemplo, não é o adequado para expressar a noção de concepção, interpretação. Acrescente-se a isso o fato de que deveria ter sido usado um verbo que estabelecesse junto ao seu objeto direto uma certa expectativa em relação ao predicativo desse objeto: novamente o verbo usado não foi o melhor. Quanto ao emprego do pronome pessoal oblíquo “(l)o”, também se nota uma impropriedade básica: não há formalmente um referente para ele, ao menos um com o qual deveria ter concordado. Pela leitura mais cuidada do restante do parágrafo, suspeita-se de que ‘difíceis ou confusos’ seriam ‘os poemas simbolistas’.

### 3. Conclusão

Não há dúvida de que o mero estudo dos conectores de ordem semântica ou de ordem discursiva já seria de vital importância na análise de textos acadêmicos, que, mais do que qualquer outro tipo, fazem uso desses recursos. Acontecem grandes problemas quando o seu emprego é inadequado. O que deveria servir como orientação para facilitar a leitura e a interpretação acaba dificultando a compreensão do texto. O leitor, seja ele um avaliador ou não, deverá a todo momento lançar mão de inferências, nem sempre confiáveis, descrendo do que lê ou ouve, desvalorizando a produção, enfim.

É bem provável que tais problemas detectados sejam fruto de uma busca de se usar uma linguagem mais rebuscada, ainda que o preço dessa postura seja um texto pouco informativo e confuso.

**RESUMO:** Baseando-se na concepção de que um texto é uma unidade lingüística cujo significado é o resultado de inúmeros fatores, incluindo os lingüísticos e os não-lingüísticos, este trabalho pretende discutir a relevância do uso dos elementos coesivos na construção de um tipo específico de texto: o texto acadêmico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística Textual; coesão; texto acadêmico.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, Robert-Alain de, e DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. 6<sup>a</sup>. imp. Essex: Longman, 1992.
- HALLIDAY, M. A K. e HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 5<sup>a</sup>. imp. London: Longman, 1983.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 8<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Série Debates 1. Recife: UFPE, 1983.
- VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. 1<sup>a</sup>.reimp. São Paulo: Martins Fontes, 1993.